

**A SIGNIFICAÇÃO IMAGÉTICA NO CONTEXTO DAS BATERIAS DE
AVALIAÇÃO DE AFASIAS E DIAGNÓSTICO DE DEMÊNCIAS E
DECLÍNIOS COGNITIVOS**

Autor: Denis Prado FORIGO

(Orientadora): Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

RESUMO: Este artigo aborda os fundamentos teóricos sobre metodologia científica em neurolingüística. Toma-se como recorte os testes de nomeação na bateria de Boston, utilizados para diagnósticos de afasia ou suspeita de demências e declínios cognitivos.

Palavras-chave: neurolingüística, metodologia científica, afasia, semiótica, testes de nomeação

O campo da Neurolingüística é terreno fértil para uma análise sobre metodologia científica. Como veremos adiante, o desenvolvimento do método *anátomo-clínico* consistia em observar nas autópsias as alterações anatômicas no cérebro do indivíduo e relacioná-las aos sintomas observados em vida, em fases agudas ou crônicas das doenças. O fato de terem essas reflexões nascido no interior da clínica médica fez com que se traçasse muitas vezes uma relação direta entre cérebro e linguagem. A linguagem na patologia – ou seus sinais e sintomas – seriam como que uma janela aberta para a compreensão do funcionamento do cérebro e das funções cognitivas complexas. A *vontade de verdade* de cada época, como nos mostra FOUCAUT (1998), coloca a metodologia de pesquisa a serviço da comprovação de teorias vigentes ou prestigiadas, mesmo que para isso seja necessário muitas vezes *higienizar* alguns dados, esconder ou desconsiderar outros.

O objeto de estudo da Neurolingüística, segundo MORATO (2000), diz respeito, “a um só tempo, às ciências humanas e às neurociências”. Sua origem carrega um importante legado, a questão da relação corpo-mente:

Se levarmos em conta que os sacerdotes egípcios já faziam correlações anátomo-funcionais entre cérebro e comportamento humano, e que a tradição filosófica greco-latina se pautou, entre outros temas, pelo problema corpo-mente, veremos que a história da Neurolingüística remonta de fato à história do homem como ser pensante.

Estas correlações, que a Frenologia retoma no início do século XIX, e que evoluem para a descrição das alterações da linguagem decorrentes de lesões cerebrais, dão origem à Afasiologia (o estudo das afasias). Surgida do desdobramento “quase natural” (Morato, 2000) da Afasiologia, a

Neurolingüística possui, portanto, uma relação intrínseca e explícita entre seu desenvolvimento e o desenvolvimento da metodologia dos seus métodos diagnósticos e terapêuticos.

Dada esta relação, coloca-se a necessidade de observarmos o fato de que o método científico não é independente da teoria adotada pelo cientista. O método está incluso na dimensão da praxe científica, participando do movimento circular entre estudo e aplicação de conceitos. Nesta mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que o que será relevado como dado científico depende do *background* teórico com que o pesquisador se mune para “olhar” a realidade empírica. Em outras palavras, o que se terá como dado científico numa pesquisa depende dos pressupostos e dos objetivos com que se olha para a realidade. Nas palavras de Saussure (2004, p. 15), “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”.

O recorte que proponho neste trabalho, para refletir sobre a questão da metodologia, diz respeito aos testes de nomeação, que por sua vez são parte integrante das baterias de diagnóstico de afasia e demências e declínios cognitivos. Nesses testes, a mediação com o sujeito experimentado se dá através de tarefas de reconhecimento e de compreensão de desenhos de diferentes categorias: animais, frutas, instrumentos, meios de transportes, dentre outros. Os resultados são quantificados e os escores são utilizados como base não só para o diagnóstico, mas também para a proposição de condutas terapêuticas dos sujeitos¹.

Análise semiótica

Analisaremos neste trabalho, mais especificamente, a questão da significação imagética, considerando principalmente a atividade de reconhecimento e interpretação de imagens. Discutir tal atividade aponta-nos a necessidade de recorrer ao campo teórico da semiótica. Em especial, a semiótica peirceana será nosso foco, pois atribui ao signo um estatuto bastante amplo e pertinente a uma análise da significação imagética. SANTAELLA (2000, p. 4) apresenta enfaticamente esse aspecto:

Quanto mais o tempo passa e quanto mais eu me aprofundo na obra peirceana, mais convencida vou ficando do valor extremo dessa obra na contribuição que pode prestar à compreensão de todos os processos de comunicação de qualquer tipo, ordem ou espécie, tanto no universo biossociológico das humanidades, quanto dos

¹ Ver, a esse respeito, os objetivos das baterias de testes, segundo Goodglass & Caplan (1996, p.14).

animais e também no mundo das máquinas inteligentes, até em qualquer outro mundo que possamos imaginar no qual ocorram processos comunicativos. Afinal, não há, de modo algum comunicação, interação, projeção, previsão, compreensão etc. sem signos. (...) No limite, signo é sinônimo de vida. Onde houver vida, haverá signos. A ação do signo, que é a ação de ser interpretado, apresenta com perfeição o movimento autogestativo, pois ser interpretado é gerar outro signo que gerará outro e assim infinitamente, num movimento similar ao das coisas vivas.

E, dessa apresentação inicial da semiótica peirceana e da amplitude que tal ciência pretende alcançar, é importante e pertinente a este projeto mencionar a defesa que Santaella apresenta em relação à necessidade “de nos livrarmos (...) do preconceito estreito e empobrecedor de que a noção de signo equivale exclusivamente a signo lingüístico, ou seja, de que só o signo verbal é signo”. E vai mais além, na sua crítica, quando chama a atenção para o fato de que

(...) também não ajuda muito, para superar esse preconceito, constatar que existem outros signos além ou aquém dos verbais, mas continuar a enxergá-los com os mesmos recursos de análises utilizados para entender os signos verbais. É enorme a profusão de signos distintos dos signos verbais. Cada um deles só será compreendido se for respeitado na sua diferença.

Com essa perspectiva semiótica, busca-se aqui o amparo teórico a uma crítica mais aprofundada em relação ao “aspecto imagético” dos testes. Um primeiro olhar sobre seus objetivos, entretanto, já os mostra bastante restritivos, uma vez que se busca, com a apresentação dos desenhos, a tradução direta de um signo imagético em um signo verbal. Como veremos, há diversas questões da semiótica imagética que influenciam no resultado desta tradução e, portanto, no resultado final do teste de nomeação.

Tradicionalmente, quando o signo verbal não é apresentado pelo sujeito – no caso em que não consegue dizer a palavra-alvo correspondente à imagem apresentada –, é automaticamente constatada a *anomia* ou, ainda pior, credita-se a não execução da tarefa ao fato de que o sujeito simplesmente não tenha reconhecido ou compreendido a imagem, o que na maioria das vezes não corresponde à realidade.

Para além da análise semiótica, voltando às premissas apresentadas inicialmente, devemos considerar que nos testes há concepções implícitas sobre o que é a linguagem e a cognição humana. Explicitar tais concepções é um passo inicial para uma análise crítica e propositiva sobre metodologia científica.

Reflexões no âmbito da teoria neurolingüística

Devemos levar em conta o fato de que os testes partem de determinadas concepções sobre *normalidade* e *patologia*. Será pertinente, portanto, a discussão apresentada por Canguilhem (1978) sobre este tema. O autor afirma que “é a vida em si mesma, e não a apreciação médica, que faz do normal biológico um conceito de valor e não um conceito de realidade estatística”. Assim, nos leva, por exemplo, ao debate sobre o “caráter” dos objetivos e métodos científicos. Poderíamos falar aqui de sua crítica à “ciência pela ciência” ou, em outras palavras, à ciência que se torna finalidade e deixa de ser instrumento de conhecimento sobre a vida.

Em relação aos testes de interpretação e reconhecimento de imagens, esse debate é relevante se averiguarmos que o “erro” torna-se automaticamente sinal de patologia, desprezando-se desse modo inúmeras variáveis relevantes, como, por exemplo, as condições de aplicação do teste, o contexto sociocultural em que as imagens são apresentadas e o grau de dialogicidade permitido na aplicação do teste. Esta condição se torna mais preocupante quando observamos que os objetivos dos testes são, mais do que o diagnóstico, a orientação da conduta terapêutica dos sujeitos submetidos a eles. Tal fato é explicitado, por exemplo, em dois dos objetivos gerais da adaptação para o espanhol da bateria de testes de Boston:

(1) Diagnóstico da presença e do tipo de síndrome da afasia, permitindo inferências quanto a sua localização cerebral. (...) 3) Avaliação global das dificuldades e possibilidades do paciente em todas as áreas da linguagem, como guia para o tratamento (Goodglass & Kaplan, 1996).

Em relação à concepção de linguagem, um pensamento que parece ter afinidade com o de Canguilhem, no que diz respeito a que valores devem determinar a metodologia científica, é apresentado na obra de Bakhtin (1991). O autor afirma, neste mesmo sentido, que “a língua penetra na vida através dos enunciados humanos concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Uma introdução aos conceitos bakhtinianos é aqui pertinente na medida em que eles se contrapõem à lingüística saussureana, representante esta de uma estrutura de caráter idealizado acerca do sistema lingüístico e que permeia a elaboração e aplicação tradicional dos testes de nomeação. A questão metodológica, para Bakhtin, transforma o estruturalismo saussureano em *ficção científica*. Trata-se de um modelo que não corresponde à realidade. Esta divergência aparece claramente na defesa de uma lingüística cuja categoria fundamental seja a enunciação e a centralidade do estudo da linguagem se apresenta na sua materialidade e funcionalidade. Para ele

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...).

O enunciado, segundo o autor, é a *unidade real* da comunicação verbal:

a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, *fronteiras* claramente delimitadas. (BAKHTIN, 1981, p.293)

Essas *fronteiras*, para BAKHTIN, são determinadas pela “*alternância dos sujeitos falantes*, ou seja, pela alternância dos locutores”. Nessa concepção reside uma divergência central (e aguda) em relação à concepção estruturalista:

Nos cursos de lingüística geral (até nos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema de processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e compreensão da fala no ouvinte.

Pois se é a alternância entre locutores o que delimita a unidade real do discurso, então o “ouvinte” é, para BAKHTIN, também locutor: quando ele “recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso [,] adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc.” Assim, o

enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina pela transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo 'dixi' percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

Esta concepção lingüística apresenta uma dinamicidade que nos parece bastante coerente com uma visão contemporânea acerca do cérebro humano, em que sua estrutura de funcionamento é vista como uma estrutura sistêmica, abaixo descrita por Damasceno:

Todo ato mental (percepção de um objeto, enunciado verbal, resolução de um problema) é levado a cabo por um 'sistema funcional complexo' também concebido como 'rede neurofuncional', 'representação distribuída em paralelo e em série' e como 'modelo de esboços múltiplos', que se constitui de um conjunto dinâmico e

interconexo de componentes psicológicos (volitivos, afetivos, cognitivos) e de regiões cerebrais, cada uma delas contribuindo com operações básicas para o funcionamento do sistema ou ato como um todo. Seu caráter dinâmico deve-se ao fato de que sua estrutura psicológica e sua organização cerebral mudam a cada instante, na mesma medida em que mudam as tarefas em pauta. Cada tarefa requer um conjunto diferente de operações psíquicas básicas adequadas aos seus objetivos, além dos componentes motivacionais e emocionais sempre presentes.

Essa concepção de cérebro é evidentemente um contraponto à concepção localizacionista do cérebro como “mapa” ou “container” de funções psíquicas:

De acordo com este conceito, apenas certas operações ou mecanismos básicos podem ser localizados em determinadas regiões cerebrais, não as próprias funções psíquicas superiores; e apenas os objetivos ou resultados finais da atividade permanecem constantes, devendo variar seus mecanismos ou operações básicas na medida em que mudam as condições em que se realizam.

Este contraponto nos é bastante relevante se considerarmos, por exemplo, que durante determinados testes de nomeação são produzidas imagens através de tomografia computadorizada da atividade cerebral do sujeito testado. A sobreposição dessas imagens e a localização de funções (apontadas sobre a imagem de um “cérebro médio”) têm configurado o que se poderia chamar hoje de uma tendência neo-localizacionista.

Analisando alguns dados

Devemos observar que nos testes de nomeação estão envolvidos pelo menos três processos: (1) interpretar a imagem (seu objeto ou motivo), (2) interpretar o contexto enunciativo que é fornecido para a imagem e (3) a relação entre a imagem e o contexto enunciativo. Esta é, portanto, uma atividade complexa, que não ocorre automaticamente. Um caso empírico talvez seja ilustrativo do que está se afirmando: quando solicitado que nomeasse (a imagem) de um pergaminho (que continha rabiscos representando um texto), o sujeito do experimento, com suspeita de Doença de Alzheimer em estágio inicial, diz para a pessoa que está aplicando o teste: “Você quer que eu leia isto?”, em tom irônico. Tem-se aqui claramente que o sujeito pode não se lembrar da palavra “pergaminho”, mas está realizando operações altamente complexas – sobretudo quando se está sob a suspeita de um declínio cognitivo. O resultado anotado para fins de diagnóstico, entretanto, é o fato de que não conseguiu fornecer o nome esperado.

É importante considerarmos a idéia de que haja uma constituição semiótica drasticamente distinta entre a linguagem enunciativa e “linguagem

imagética”. Uma hipótese importante que se quer discutir aqui é a de que a imagem, isolada do contexto discursivo, não gera enunciados verbais únicos e precisos. Se tomarmos, por exemplo, a imagem de uma *maçã*, esta pode até representar satisfatoriamente uma maçã, mas em última análise não é ou não leva a um enunciado do tipo “isto é uma maçã”. Um dado recolhido no Centro de Convivência de Afásicos da Unicamp (CCA-Unicamp) na apresentação do desenho de um pente ao sujeito SI, parece demonstrar bem essa situação.

SI: lápis pra pra de coisar o cabelo...
Iir: como é o nome?
SI: é... é:: é...
Iir: pode pensar
SI: pentear o cabelo...
Iir: se é de pentear... o cabelo a senhora quase acabou de falar a senhora falou o verbo...
(risos de SI)
SI: é...
Iir: é de pentear o cabelo
SI: pentear o cabelo
112
Iir: sim mas... o nome...
SI: com preto... é::
Iir: perceba que a senhora acabou quase falou o nome da figura...
SI: é
Iir: pen
SI: tear o cabelo
Iir: pentear o cabelo
SI: é
Iir: como que é o nome então? tem escova e tem pen..
SI: pe pentear
Iir: pente
SI: pe pente
Iir: pente pra pentear o cabelo certo... ta jóia

A função do objeto é ressaltada desde o primeiro enunciado, em que diz “lápis pra pra de coisar o cabelo” (lápis é um dos desenhos apresentados anteriormente). Assistindo a imagem, vê-se que a pesquisadora faz o gesto de pentear os cabelos, com as mãos. Dessa forma, o verbo “pentear” e não o substantivo “pente” parece fazer mais sentido como signo verbal correspondente a imagem do pente. Se atentarmos ainda para a passagem em que a pesquisadora diz: “sim mas... o nome...” e SI responde “com preto...”, poderíamos supor, por exemplo, que para SI a nomeação já tenha sido realizada ao dizer “pentear o cabelo” e o que se lhe pedia era algo a mais: o nome completo, o nome próprio de um pente. Este entendimento equivocado evidentemente a impediria de realizar a tarefa.

Este exemplo nos mostra que num teste de nomeação a resposta não deve

ser tomada como óbvia ou imediata. Tal constatação pode ser importante para justificar diversas dificuldades de nomeação e interpretação que os sujeitos (afásicos e não afásicos) apresentam quando submetidos aos experimentos com imagens, principalmente fora de seu contexto original. Da análise destas dificuldades na execução do teste, mais do que erros e acertos, pode-se ainda verificar a possibilidade de nomeação metonímica ou metafórica das imagens, geralmente contabilizadas como erros nas aplicações tradicionais.

É importante ressaltar que utilizar desenhos para testar a capacidade de nomeação representa uma escolha de tipo de significação imagética que pode influenciar no grau de dificuldade na realização da tarefa e, portanto, em seu êxito, principalmente num contexto de menos “tolerância” ou dialogicidade. Nesse sentido, Mansur (2006) observa que:

Devemos levar em consideração que as dificuldades com a representação bi-dimensional, assim como a clareza e redundância da informação visual podem influenciar o desempenho, particularmente nos indivíduos menos educados.

Para aprofundarmos esta análise, cabe aqui analisar um aspecto básico da semiótica imagética, proposto por Santaella & Nöth, que é a existência de três paradigmas no processo evolutivo da produção de imagens, definidos a seguir:

O primeiro paradigma nomeia todas as imagens que são produzidas artesanalmente, quer dizer, imagens feitas a mão, dependendo portanto da habilidade de um indivíduo para plasmar o visível (...). O segundo se refere a todas as imagens que são reproduzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível, isto é, imagens que dependem de uma máquina de registro (...). O terceiro paradigma diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação”. (1997, p.157)

Os testes são realizados, portanto, através de imagens que pertencem ao primeiro paradigma de produção imagética, o desenho (com traços feitos a mão, em preto e branco). E se não é possível afirmar que esta característica influencia diretamente no êxito na nomeação da imagem, é patente que o grau de indexicalidade do desenho (característica que na situação de testes é frequentemente tratada como a “qualidade” do desenho) desempenha um papel importante na realização da tarefa, alterando o grau da função referencial da imagem apresentada.

Outro aspecto em relação à significação visual é a sua característica de abertura interpretativa. Um exemplo ocorrido com o sujeito JM pode ser aqui destacado:

IGLU

JM: buraco de tatu não...buraco de...
Iir: de...
JM: hã::
Iir: pode pensar tranquilamente seu Madeira...
JM: rato né?nao...
Iir: não é nem de tatu nem de rato
JM: buraco de...
Iir: eles realmente hoje hã:: os esquimós dormem...
JM: esquimós não não
Iir: que eles constroem né?... mas tem um nome dessa casa onde eles dormem
JM: não sei
Iir: i::...
JM: i... (11s)não sei
Iir: iglu
JM: iglu?
Iir: iglu...
JM: não não sabia
Iir: o senhor não sabia?
JM: não
Iir: geralmente eles falam iglu ou casa do gelo onde os esquimós onde onde essas pessoas que que moram no gelo eles constroem aquelas casinhas no gelo né?
JM: aham...

Neste exemplo fica evidente a abertura de interpretação que o signo visual possibilita e como a situação dialógica, através dos prompts, influencia nessa interpretação. A partir do desenho apresentado, considerando que o sujeito não tem conhecimento do que é um iglu (habitação que evidentemente não faz parte da realidade cultural brasileira), o segundo prompt fornecido pelo pesquisador possibilita que o “buraco” (a entrada do iglu, na verdade) seja tomado como parte correta da resposta. Assim, a imagem passa a ser interpretada como o “buraco [de alguma coisa]”, ou seja, passa a ser um signo visual que tem sua interpretação aberta a partir do prompt do pesquisador.

A análise dos dados dos testes de nomeação a partir dessa perspectiva semiótica pode ser útil para o aperfeiçoamento da metodologia científica envolvida na questão. As análises deste artigo compõem o projeto de iniciação científica “A significação imagética no contexto das baterias de avaliação de afasias e diagnóstico de demências e declínios cognitivos” que visa este aperfeiçoamento propondo um novo protocolo de aplicação para o teste de nomeação da bateria de Boston.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M. *Os Gêneros do Discurso*. In Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Dialogismo e construção do sentido* / organizadora: Beth Brait. 2ª Ed. rev. Campinas/SP: editora da Unicamp, 2005.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1943/1995.
- COUDRY, M.L.R. *Diário de Narciso - Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins, 1988.
- CRUZ, F. M. *A construção da referência em uma situação interlocutiva entre sujeitos afásicos e não-afásicos* In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DAMASCENO, B. P. *A mente humana: uma abordagem neuropsicológica*. MultCiência, Campinas, out. 2004. Disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/art02_3.htm>. Acesso em 19 abr. 2007.
- ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas (org.). *O Signo de Três*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*.- 5ªed.- Tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963/1998.
- FRANÇOZO, E.. *Linguagem Interna e Afasia*. Campinas, SP: [s.n.], 1987 (Tese). T/UNICAMP F849L
- HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- JAKOBSON, R. *Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia*. In *Linguística e Comunicação*, (34-62), São Paulo: Cultrix,1954/1981/1999.
- KAPLAN, E., GOODGLASS, H., & WEINTRAUB, S. The Boston Naming test. Philadelphia: Lea & Febiger, 1983.
- KOCH, I. V. G. *A Referenciação como Atividade Cognitivo-Discursiva e Interacional*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- LAHUD, Michel. *Alguns mistérios da Lingüística*. Almanaque, Caderno de Literatura e Ensaio, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- MANSUR, Letícia Lessa et al. *Teste de nomeação de Boston: desempenho de uma população de São Paulo*. Pró-Fono R. Atual. Cient., Jan 2006, vol.18, no.1, p.13-20. ISSN 0104-5687
- MORATO, E.M.. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: O discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Campinas, SP: [s.n.], 1995 (Tese).
- _____. & NOVAES-PINTO, R.C.. *Aspectos enunciativos das Jargonafasias*. Anais dos XLV Seminários do GEL, XXVII. Campinas, SP, 1998a.
- _____. et al. *Sobre as afasias e os Afásicos: Subsídios Teóricos e Práticos Elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a.
- _____. *O impasse internalismo x externalismo e suas influências sobre os estudos neurolingüísticos* In: *Veredas* 06: 131-139, 2002b.
- _____. & KOCH, I. V. G. *Linguagem e Cognição: os (des) encontros entre a Lingüística e as Ciências Cognitivas*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.44. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. *O interacionismo no campo lingüístico*. In: *MUSSALIN & Bentes. Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais* In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). *Referenciação e Discurso*. São Paulo:

- Contexto, 2005a.
- ____ et alli. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA- IEL/UNICAMP)*. Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9, 2005b. (MUSSALIN, F. & BENTES, A., orgs.). São Paulo: Cortez, 2000.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica: De Platão a Peirce*. São Paulo; Annablume, 1995.
- NOVAES-PINTO, R. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 1992.
- ____. *Indeterminação da linguagem e afasia*. In: Anais dos Seminários do GEL, Vol. XXVIII. Texto apresentado nos Seminários do GEL, 1998.
- ____. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 1999.